

fonte: Gazeta Mercantil class.: 03

data: 31/10/94 pg.: 10

PESQUISA

Países em desenvolvimento perdem US\$ 5,4 bilhões ao ano com a "bio-pirataria"

por Frances Williams
do Financial Times

A "bio-pirataria" está levando os países em desenvolvimento e suas populações nativas em US\$ 5,4 bilhões ao ano, segundo denuncia um relatório encomendado pela ONU e que foi divulgado ontem em Genebra. O valor representa o total de royalties a que teriam direito se as empresas multinacionais de alimentos e medicamentos pagassem pela diversidade de sua vegetação e pelo conhecimento local.

O relatório estima em mais de US\$ 30 bilhões o valor das espécies vegetais do Terceiro Mundo somente para a indústria farmacêutica. O documento diz que, enquanto mais de 90% da diversidade biológica remanescente no planeta está localizada na África, na Ásia e na América do Sul, as comunidades nativas não recebem recompensa pelo material e pelos conhecimentos locais que são extraídos delas.

Essa injustiça é exacerbada pelo crescente uso de patentes garantindo proteção exclusiva às companhias e aos pesquisadores nos países

industrializados por material e conhecimento procedentes do mundo em

desenvolvimento. Citando como exemplo de variedades de sementes patenteadas derivadas de variedades cultivadas por fazendeiros, o relatório diz que "os fazendeiros nativos se vêem na situação de pagar pelo produto final de seu próprio gênio".

O relatório, feito pela Rural Advancement Foundation International (RAFI),

de Ottawa, para o Programa de Desenvolvimento da ONU, recomenda mudanças nas regras que regem a propriedade de materiais biológicos e o conhecimento sobre eles.

Sarah Timpson, do UNDP, diz que aquele órgão da ONU começou a consultar organizações de povos nativos sobre estratégias para preservar o conhecimento tradicional e para prevenir sua exploração.

O relatório cita mais de cem exemplos de contribuições de países em desenvolvimento à agricultura, ao processamento de alimentos e ao desenvolvimento farmacêutico nas nações ricas.

Entre eles estão a aspirina sintética da Bayer, o medicamento mais extensivamente usado no mundo, que é derivado de uma tradicional planta medicinal árabe, a Spiraea; hormônios esteróides produzidos pela Syntex derivam das raízes de barbasco mexicano; e um antibiótico derivado da estreptomina foi isolado do solo da Argentina e patenteado pela Mitsubishi como um aditivo para ração animal.

Admitindo que a pirataria, pelos países em desenvolvimento, de patentes químicas e farmacêuticas pode custar ao mundo industrializado cerca de US\$ 2,7 bilhões, a RAFI diz que isso é amplamente compensado pela quantia que seria devida ao Terceiro Mundo se este recebesse em royalties apenas 2% dos US\$ 15 bilhões das vendas da indústria de sementes no mundo, e 20% dos produtos farmacêuticos derivados de plantas nativas.